

CONTANDO CAUSOS



Janilson Dias de Oliveira

JAMILSON DIAS DE OLIVEIRA

CONTANDO CAUSOS

IFRN
Editora

Natal, 2013

Presidenta da República	Dilma Rousseff
Ministro da Educação	Fernando Haddad
Secretário de Educação Profissional e Tecnológica	Eliezer Moreira Pacheco

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Rio Grande do Norte**

Reitor	Belchior de Oliveira Rocha
Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação	José Yvan Pereira Leite
Coordenador da Editora do IFRN	Paulo Pereira da Silva
Conselho Editorial	Samir Cristino de Souza (Presidente) André Luiz Calado de Araújo Dante Henrique Moura Jerônimo Pereira dos Santos José Yvan Pereira Leite Valdenildo Pedro da Silva

Todos os direitos reservados

Divisão de Serviços Técnicos. Catalogação da publicação na fonte.
Biblioteca IFRN – Campus Apodi

048.

Contando causos / Janilson Dias de Oliveira. -- Natal : IFRN, 2012.
76 p.

ISBN 978-85-8161-055-9

1. Literatura 2. Literatura Brasileira 3. Crônica I. Oliveira,
Janilson Dias de. II. Título.

CDU: 82(81)-94

DIAGRAMAÇÃO: Charles Bamam Medeiros de Souza
ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Lisana Medeiros de Oliveira
ARTE FINAL DA CAPA: Charles Bamam Medeiros de Souza

CONTATOS

Editora do IFRN

Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol. CEP: 59015-300
Natal-RN. Fone: (84) 4005-0763
Email: editora@ifrn.edu.br

Estas histórias verídicas
Contadas em forma de “causos”
Não é para causar intriga
Aconteceram por “acaso.”

O autor
Natal/RN-2013

SUMÁRIO

PREFÁCIO	3	A VESPA	37
O DISCURSO	19	QUEM FOI?	38
A MUGANGA	20	O PLANO	38
O APELÍDIO	21	ZÉ BILOLA	39
DOIS ZEROS	22	CALÇA CURTA	39
POTENCIAÇÃO	22	A BOLSA	40
O CARONA	23	COMPETÊNCIA	40
O PARA-RAIOS	23	O RELÓGIO	41
O TIRO	24	A FAXINA	41
O CANDUITE	24	A ALFINETADA	42
O FILTRO	25	GUERRA DAS BATATAS	42
CAMINHO DAS VACAS	26	O SUICÍDIO	43
A NOTA	26	A CHARADA	44
CÂNCER DE PRÓSTATA	27	A COLA	45
FOLIÃO OU VIGIA	28	A REVISTA	46
O NARIGUDO	28	A CHAMADA	46
A AVALIAÇÃO	29	A MÁGICA	47
O ABASTECIMENTO	30	O COCO	47
A PORTA	30	DEMOLIÇÃO	48
HINO NACIONAL	31	O LANCHE	48
MAMÃE! MAMÃE	32	A APROVAÇÃO	49
SOU EU	32	O MACACÃO	49
O ESTRADO	33	A FUGA	50
A APRESENTAÇÃO	34	A REUNIÃO	50
O GATO	34	SEM FOME	51
O ATRAZO	35	A FILA	51
COORPORATIVISMO	35	A SUSPENÇÃO	52
NEM QUERO VER	36	O BISCATE	53
GATO DE BOTAS	37	OS HERÓIS	54

O FUXIQUEIRO	55	DOIDO PRÁ CONTAR UM	63
RECOMENDAÇÃO MÉDICA	56	PAR OU IMPAR	64
A COMEMORAÇÃO	57	A AJUDA	64
A COR	58	A PERGUNTA	65
A AFINAÇÃO	58	É SÓ CHAMAR	65
O NOVO PROFESSOR	59	O JIPE	66
O FINO DA BOSSA	60	EM CIMA DO MURO	67
O PONTO	60	O AUXILIAR DE CANTOR	68
O AJUDANTE DE INSPETOR	61	A CADELA VEGETARIANA	69
O BRAÇO DIREITO	61	O GALO	69
A COMISSÃO	62	CANTAR E DANÇAR	70

PREFÁCIO

CAUSOS, UM GÊNERO EM EVOLUÇÃO

Valério Mesquita*

Entendemos, como pesquisador e eventual contador de causos que coligimos em alguns livros, ao longo destas três últimas décadas, que esse gênero literário, cuja popularidade em todo o nosso país não para de crescer, se constitui num ramo próprio da literatura de melhor cepa: aquela nascida da alma genuína (e nem sempre ingênua) do homem brasileiro, especialmente nordestino. As histórias de Pedro Malasartes, personagem fartamente documentado por Câmara Cascudo, nosso mestre maior, em livros como Dicionário do Folclore Brasileiro e Vaqueiros e Cantadores, são comumente lembradas na categoria lúdica desse gênero que explora o riso. Aliás, o popular Seu Lunga, personagem real de inúmeros causos que provocam o riso pela ironia ferina das falas desaforados do protagonista, é um bom exemplo de como o gênero apresenta matizes de tom e de forma, à semelhança do que acontece com os versos de Zé Limeira, Poeta do Absurdo, que ao confundir geografias e histórias, extrai dessa experiência um efeito cômico inusitado.

E se é verdade que o causo, no passado, foi vítima de preconceito e de reservas dos moralistas de plantão à época, hoje ele está plenamente assimilado à cultura popular e ganha espaço nos meios acadêmicos e intelectuais, combatendo, com o riso, os maus costumes, como já fizera na Roma dos Césares. Poderíamos citar, como exemplos de causos cultos, aqueles que o poeta Diógenes da Cunha, ilustre presidente da nossa ANL, narra em torno da vida de mestre Câmara Cascudo, em seu livro Cascudo, um Brasileiro Feliz, sem qualquer demérito para um ou para o outro.

Por isso, não admira que até instituições especializadas, como os Correios, por exemplo, já tenham sua antologia de causos desde

1996. Trata-se de Causos dos Correios, livro que agrega dezenas dessas pequenas histórias, em geral hilárias, selecionadas mediante um concurso nacional intitulado Causos dos Correios.

O dicionário Houaiss (2005) classifica o verbete *causo* como substantivo masculino, de uso informal e marca de regionalismo brasileiro, cuja etimologia é proveniente do cruzamento de *caso* e *causa*. O que aconteceu; acontecimento, caso, ocorrido. Exemplo: “foi assim que se deu o *causo*”, “é um *causo* de muitos anos”. Narração geralmente falada, relativamente curta, que trata de um acontecimento real; caso, história, conto. Enfim, assim como já se disse do conto, podemos dizer que “*causo* é tudo que chamamos de *causo*”, que pode admitir até histórias de assombração, embora a nossa preferência recaia sempre sobre aquelas com final engraçado, hilário.

O conjunto de histórias apresentadas neste *Contando Causos*, de Janilson Dias de Oliveira, pertence legitimamente à categoria dos *causos* que exploram o riso. Porque é este o objetivo do autor: despertar humor do cúmplice leitor, se não sempre sob a forma de uma gargalhada, ao menos na forma de um riso ou sorriso maroto, zombeteiro, como é o objetivo dos *causos* dessa espécie.

Janilson Oliveira garante que seus relatos são “histórias verdadeiras contadas em forma de ‘causos’”. Mas faz uma ressalva: “Não é para causar intriga. Aconteceram por ‘acauso’”. Esse compromisso com a verdade factual dos seus *causos* leva o autor a ser minucioso nos seus relatos, informando o quando e o onde ocorreram. Não que estes sejam extensos. Pelo contrário, a primeira história protagonizada pelo Professor Zenóbio, por exemplo, não atinge vinte linhas, sendo, mesmo, que outras se resumem a pouco mais de seis ou sete linhas, o que denota uma preocupação com a brevidade por parte do autor. Outros *causos* “pedagógicos” se sucedem aos do hilário prof. Zenóbio, que de tanto abusar da nota zero, finda por ganhar a alcunha de “Professor Zeróbio”, entre os seus alunos. Quanto à afinidade pedagógicas do autor, isso sugere claramente uma íntima e forte ligação com essa profissão tão importante quando

incompreendida e desvalorizada entre nós. Em resumo, a escola está sempre presente nestes causos, seja através de notícias vinculadas a jogos estudantis, seja às atividades em sala de aula, seja ainda a eventos internos das escolas, como o que trata da irritação de uma professora com os alunos que, só para contrariá-la, emendavam, ao cantar o Hino Nacional, um “coloossooo”, enfatizando a sílaba “osso” após soletrarem o adjetivo “impávido”.

Personagens populares como o treinador de futebol Ferdinando Teixeira, o professor João Faustino Ferreira Neto, o professor empresário Camilo Barreto, a professora Lourdes Guilherme, o professor Roberto Limarujo, entre outros, desfilam diante do leitor neste Contando Causos. Em sua maioria, remetem ao tempo da Escola Industrial de Natal. São, portanto, “histórias verídicas contadas em forma de causos”, conforme já tivemos oportunidade de assinalar.

Desta feita, a exemplo dos Correios, a Antiga Escola Industrial foi um rico celeiro de causos que só agora vêm a público, graças à iniciativa de seu memorialista Janilson Oliveira que se revela, nas páginas deste livro, um meticuloso e competente narrador. Esperamos, assim, que este Contando Causos seja tão somente o começo de uma empreitada duradoura na seara das histórias hilárias que o povo gosta de contar, e que nunca se cansa de ouvir.

(*) Da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras

HOMENAGEM

Este livro é uma homenagem ao Magnífico Reitor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, Professor Belchior de Oliveira Rocha, pela sua nobreza, autorizando publicá-lo pela Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me propiciar a oportunidade de escrever mais um livro, aos colegas a seguir elencados, que contribuíram para a feitura deste livro Contando Causos.

Álvaro Paulino de Araujo
Antonio Fernandes de Carvalho
Ednaldo de Paiva Pereira
Francisco Assis de Oliveira
Francisco Bernardino de Souza
Geraldo Serrano
Gilson Oliveira
George Luiz Rocha da Câmara
Hugo Manso Maciel
Isaias Maurício de Carvalho
Laércio Severiano
Lerson Fernandes
Luiz Antonio Soares de Araujo
Luiz Gonzaga Cortez
Manoel Batista da Trindade
Maurílio Ayres Gadêlha
Oliveiro Gomes da Silva
Pedro Xavier
Ronaldo Diniz
Sebastião Bezerra
Vicente de Paula Souza
Zanoni Tadeu Saraiva dos Santos
Zenóbio Brandão de Macêdo

DEDICATÓRIA

Dedico a você, preclaro leitor que nos brinda com sua prestimosa leitura e dedicada atenção.

À Fátima mãe dos meus filhos Lisana e Leandro, aos Netos Pedro Henrique, Nathalia Medeiros, Maria Eduarda e Lucas Eduardo, meus irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas.

Aos meus pais Pedro Vilela de Oliveira e Janice Dias de Oliveira, in memoriam.

Aos confrades e congreiras da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do RN, da Associação Internacional Poetas Del Mundo, da Academia Virtual Brasileira de Letras, da Academia Cearamirinense de Letras e Artes, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e da União Brasileira de Escritores.

O Autor.

APRESENTAÇÃO

Fiquei muito feliz e honrado com o convite do amigo e Prof. Janilson Dias de Oliveira para fazer a apresentação deste livro. Primeiramente, porque o escritor foi professor e diretor do primeiro colégio em que estudei em Natal: o Instituto Padre Monte, onde funcionava o Ginásio Industrial Prof. Severino Bezerra, sendo um dos mestres que bastante contribuiu para que eu me tornasse o profissional que hoje sou.

Em segundo lugar, pelas suas qualidades pessoais e dotes literários demonstrados ao longo de sua carreira, como educador e poeta. Dentre seus feitos, estão a coordenação da Campanha “De pé no chão também se aprende uma profissão”, da Secretaria Municipal de Educação; a atuação como professor do Departamento de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde também assumiu a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica e a presidência da Câmara de Projetos; a publicação de mais de uma dezena de livros, constituindo-se, por essa razão, membro da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do Rio Grande do Norte, da Academia Virtual Brasileira de Letras, da Academia Ceará-mirinense de Letras e Artes, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e Consul Poetas del Mundo para a Zona Norte de Natal da Associação Internacional Poetas del Mundo e da União Brasileira de Escritores.

E, por último, mas não menos importante, pela sua vinculação ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), instituição à qual tenho orgulho de pertencer e na qual supostamente se ambientam os fatos contados pelo autor. A ligação do autor com o IFRN, aliás, remonta aos tempos da antiga Escola Industrial de Natal, onde fez o curso básico de Mecânica, e da então Escola Técnica Federal do Rio

Grande do Norte (ETFRN), onde cursou o Técnico em Mineração, vindo a ser, posteriormente, professor dessa mesma Escola na disciplina de Desenho Técnico, além de atuar como Coordenador de Pesquisa e Extensão e de Relações Empresariais.

Portanto, é dessa vasta experiência que Janilson se serve para resgatar com o gênio que lhe é peculiar diversas histórias vivenciadas nessa Instituição, que vão desde o tempo da antiga Escola Industrial até os nossos dias, já como IFRN. O livro aborda acontecimentos engraçados e pitorescos sobre os quais me permito não tecer maiores comentários para não tirar o prazer do leitor que, ao percorrer as páginas dessa publicação, certamente dará boas risadas com os causos aí relatados com rara maestria pelo autor, como a mais pura verdade. Verossímeis ou não, trata-se, sem dúvida alguma, de importante resgate e genuína manifestação cultural e literária que constitui agradável leitura para os que apreciam o ofício de contador de causos.

Belchior de Oliveira Rocha
Reitor do IFRN

O DISCURSO

Final do ano de 1960 estava às vésperas de concluir o Curso Industrial de Artífice em Mecânica de Máquinas, na então, Escola industrial de Natal, que, mesmo não oferecendo curso técnico fora convidada a participar do V Encontro Nacional de Estudantes Técnicos Industriais a ser realizado em Salvador-Ba.

Ao receber o convite, a Direção da Escola delega ao Centro Lútero Recreativo Nilo Peçanha indicar quatro representantes para participar do referido Congresso. Representando o Centro Lútero, foram escolhidos seu presidente Francisco Fontes Sobrinho e dois diretores, Francisco Bernardino de Souza e Venâncio Nogueira de Farias e como representante dos discentes Janilson Dias de Oliveira.

Faltava decidir quem seria o orador oficial, a disputa ficou entre os alunos Venâncio e Janilson tidos como bons oradores, ao final o escolhido foi Janilson. Comunicado à Direção dos representantes e do orador, o diretor professor Pedro Pinheiro de Souza solicita que o orador escrevesse seu discurso cujo enfoque primordial seria solicitar as autoridades verbas para a conclusão do prédio do atual Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia e entregasse a professora Ruth da disciplina Português para que fizesse as correções que por ventura fossem necessárias.

Ao escrever seu discurso, Janilson concentra seu enfoque na construção iniciada em 14-07-1947, e que somente fora concluída em 11-03-1967, enfoca com veemência o descaso das autoridades do Ministério da Educação, e principalmente do Diretor do Ensino Industrial, uma vez que o orçamento aprovado inicialmente fora defasado pelo tempo e pela inflação, tendo em vista que a construção ficou paralisada por quase quinze anos.

Ao concluir seu discurso, Janilson entrega-o a professora Ruth. Passado alguns dias, o mesmo é chamado à Direção, lá

chegando estava o Diretor, Professor Pedro Pinheiro de Souza e a professora Ruth, tendo nas mãos o discurso. A mesma encarando Janilson se reporta ao Diretor dizendo: professor esse menino faz sérias acusações contra as autoridades constituídas, para mim esse menino é um subversivo. Janilson pensando que era um elogio, pois até então desconhecia o termo subversivo, dizia: OBRIGADO PROFESSORA, OBRIGADO PROFESSORA. Professor Pedro disse: meu filho e você ainda agradece? ORA PROFESSOR PARTINDO DA PROFESSORA RUTH SO PODE SER UM ELOGIO. (Ao final, Janilson recebe uma verdadeira aula sobre o termo, seu trabalho foi reescrito num tom menos agressivo, e ao ser apresentado no Congresso, certamente somou aos esforços do Conselho de representantes e da classe política do nosso Estado. Sete anos após a realização do congresso a obra foi inaugurada).

A MUGANGA

Muganga é um termo regional muito usado no nordeste brasileiro. Quando uma pessoa quer se amostrar, se exibir ou chamar atenção para si, ou ainda contar lorota, levar vantagem, diz-se que essa pessoa está fazendo muganga. O presente caso deu-se quando o professor Oliveiro de educação física da nossa Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, e na época técnico da seleção de handebol do Rio Grande do Norte fazia a seleção de atletas para comporem a seleção Norte-rio-grandense desta modalidade que iriam disputar o campeonato Brasileiro em Brasília-DF. A Escola Técnica naquele ano (1973) havia sagrado-se campeã estadual, fazendo com que o professor Oliveiro convocasse todos os atletas de handebol da ETEFRN para a seleção do Rio Grande do Norte. Dois dias antes do início do campeonato Nacional, a seleção do RN embarca para a capital federal num voo noturno. Desembarcando em Brasília a seleção

dirige-se ao portão de saída, oportunidade em que o professor Oliveira adiantando-se do grupo, e, próximo da porta de saída começa a dar pulinhos, movimenta os braços, gesticula e nada da porta se abrir. O professor não percebera que estava fora do alcance do sensor de presença, professor Oliveira insistia, e nada da porta se abrir. Os atletas vendo o comportamento esquisito do professor se perguntavam! O que está havendo? Uns dizia que foi devido ao voo, outros diziam que o mesmo estava fazendo aquecimento; foi aí que Eurípedes tasca: ELE TÁ É FAZENDO MUGANGA.

O APELÍDIO

Segundo a percepção dos alunos, existe o professor bonzinho, o exigente, aquele que não esta nem aí, o arrochado, outros são tidos como amigo, outros como carrasco, enfim uma infinidade de rotulação dada pelos alunos. Um apelido nada mais é do que a designação particular com conotação de qualidade ou defeito atribuído a uma pessoa, como é o caso do apelido que os alunos deram ao professor Zenóbio que leciona a disciplina de matemática. Segundo os alunos Zenóbio é tido como exigente e arrochado, principalmente nas avaliações. Segundo seus alunos tirar um dez é mesmo que acertar na loteria, via de regra, suas notas quase sempre são zero ou ainda próximo de zero. Muito bem, por essa e outras razões os alunos colocaram um apelido que, segundo eles, é a cara do professor Zenóbio. PROFESSOR ZERÓBIO.

DOIS ZEROS

Coincidência ou não, para confirmar sua fama de professor arrojado, não que ele quisesse sê-lo; segundo Zenóbio os alunos vinham despreparados no que diz respeito à disciplina de matemática e o mesmo não podia baixar o nível da turma mais do que ele podia, pois certamente comprometeria o programa da disciplina. Pra variar, o professor Zenóbio fazia a correção das provas de matemática de uma das suas turmas, e ao final da correção notou que quase metade da turma tirou a nota zero ou próximo de zero. Dentre as provas tinha uma que segundo Zenóbio nem zero merecia, como não podia botar menos de zero, o professor coloca zero vírgula zero. Indignado o aluno pergunta: PROFESSOR POR QUE NAS PROVAS DA TURMA O SENHOR SÓ COLOCOU UM ZERO E NA MINHA O SENHOR COLOCOU DOIS ZEROS. SÓ PODE SER MARCAÇÃO!

POTENCIAÇÃO

Professor Zenóbio ministrava uma aula de matemática, desta feita o assunto era sobre potência. Como nível da turma era baixo em especial de uma aluna que apresentava enorme dificuldade na disciplina. Zenóbio procurava exemplificar o conteúdo usando os exemplos mais elementares. No decorrer da aula dizia Zenóbio: dois elevados a três ficam, naquele exato momento uma aluna pergunta: professor e se eu tirar o dois, como é que fica? Zenóbio encarando a aluna responde: minha filha não faça uma barbaridade dessas, POIS VOCÊ TIRANDO O DOIS, CERTAMENTE O TRÊS VAI CAIR.

O CARONA

Professor Zenóbio só ia a Escola no seu jipe marca JEG, que os alunos chamavam de zeromóvel, certa feita o mesmo foi de carona, a turma percebendo que o zeromóvel não se encontrava no estacionamento, eles simplesmente NÃO COMPARECERAM A SALA DE AULA.

O PARA-RAIOS

No tempo em que João Batista da Silva, para os íntimos João formão chefiava o setor de limpeza, sua maior preocupação era que tudo estivesse limpo, agradável, ou seja: nos trinques. Percebendo esse seu zelo, professor Bernardino junto com outros professores chama João e lhe diz: João você é muito zeloso, porém tem uma coisa que você está relaxando, João impaciente diz: professor pelo amor de Deus me diga o que é eu limpo agora mesmo. _ É o para-raios João, você não sabe que o mesmo só funciona direito se estiver bem limpo, João não conta história, sobe e vai limpar o para-raios, Bernardino vendo a cena que o mesmo armara para João, chama algumas pessoas e grita para João. Você está doido João, você quer levar uma descarga elétrica, DESCA DAÍ ANTES QUE OS RAIOS O PARTA.

O TIRO

Pela sua dedicação a ETFRN a Direção promove João formão para a chefia do serviço de vigilância, é desnecessário dizer que João mantinha seu setor com esmero e competência. Sabendo disso professor Bernardino conversa com João suspeitando que algum vigilante estivesse dormindo no posto de serviço. Não deu outra, João por volta da meia noite pula para dentro do muro do campo de futebol. Ao ouvir o barulho o vigilante não conta história faz dois disparos em direção ao barulho e escuta os gritos; pelo amor de Deus não atire mais, não atire, é João formão. No outro dia, na chefia do serviço, João contava a história para seus subalternos, e empolgado com sua narrativa pega o revólver e faz dois disparos para o alto. A EMENDA FICOU PIOR QUE O SONETO E JOÃO QUASE QUE PERDE A CHEFIA DO SERVIÇO DE VIGILÂNCIA.

O CANDUITE

O laboratório de Eletrotécnica é dividido em setores, no setor (Box) destinado as aulas práticas de instalação de baixa tensão, os professores deveriam encontrar os materiais para tal. A professora Eléucia chegando ao Box, não encontra os canduites, só as ferramentas, o que impossibilitara de fazer a demonstração, e resolve suspender sua aula. A professora Luzia França, na época diretora de ensino, ao saber do ocorrido, manda chamar o professor Álvaro Paulino responsável pelo setor, para saber por que o mesmo não providenciara os materiais para a citada aula. O professor Álvaro não faz por menos, vai até o almoxarifado, apanha um rolo de canduite, coloca nas costas e vai até a Diretoria de Ensino, chegando lá, joga o feixe de canduite sobre o bureau da professora Luiza e enfatiza: MATERIAL TEM, AGORA SE A PROFESSORA NÃO QUIS MINISTAR SUA AULA, É OUTRO DEPARTAMENTO.

O FILTRO

Iniciava-se o período letivo do ano de 1957, os calouros passavam por um rodízio obrigatório nas oficinas de Artes do Couro, Marcenaria, Alfaiataria e Mecânica de Máquinas, oportunidade em que eram observadas suas habilidades e aptidões para no final serem destinados a cursarem uma dessas modalidades. Convém ressaltar que na escola os alunos chegavam antes do café e só retornavam para suas casas no final da tarde, de maneira que as atividades eram distribuídas nos dois turnos de aula, num os alunos iam para as oficinas e no outro para as aulas de conhecimentos gerais. Em cada oficina a sistemática do rodízio era a mesma, os alunos eram divididos em pequenos grupos para varrer, arrumar, cobrir e lubrificar máquinas, enfim organizar a oficina. No rodízio do curso de Alfaiataria a sistemática era a mesma, de maneira que, um aluno ficava encarregado de abastecer o filtro de água. Desta feita o escolhido para essa tarefa foi o aluno João Mário. Decorrido algum tempo, o professor Joaquim Inocêncio carinhosamente chamado de mestre Brinco pergunta: João Mário já encheu o filtro, meu filho? Responde João Mario: encher com que? Mestre Brinco - que com aquele seu vozeirão responde: COM MERDA, MEU FILHO, COM MERDA. Passado o primeiro horário de aula, mestre Brinco pergunta novamente, já encheu o filtro João Mário? – já sim senhor, pode ver. Mestre Brinco levantando a tampa do filtro notou que o mesmo estava vazio e volta à carga. Mas meu filho você não disse que tinha enchido o filtro, porque o mesmo está vazio? João Mário com toda sua inocência responde: ORA PROFESSOR SE NÓS VAMOS BEBER ÁGUA DA PARTE DE BAIXO, PRÁ QUE ENCHER A PARTE DE CIMA?

CAMINHO DAS VACAS

Os peladeiros de fim de semana da Associação dos Servidores da ETRN resolveram prestigiar o professor Nivaldo Calixto, responsável pelas peladas, realizando uma pelada na sua cidade natal CURURU, distrito de Nísia Floresta. O campo de futebol ficava na entrada da cidade, numa espécie de várzea que margeava uma estrada de rodagem. No lado direito do campo tinha uma faixa, espécie de picada, que parecia delinear a lateral do campo. No decorrer do jogo é dado um passe para o professor Assis, para surpresa do seu time, o mesmo pegou a bola com a mão. O juiz não conta história apita mão. Assis questiona: mas essa linha não é da lateral, a bola não saiu! O juiz esclarece: professor esse é o caminho das vacas, só é lateral quando a bola tocar na lateral da pista. – MAS SEU JUIZ COMO DANADO EU IA SABER QUE DENTRO DO CAMPO TINHA UM CAMINHO PARA AS VACAS?

A NOTA

Para efeito didático o sistema de avaliação da ETRN foi dividido em quatro bimestres. A disciplina de Inglês era ministrada pelo professor Thomé Filgueira, um determinado aluno da turma “tirou” dez no primeiro, segundo, terceiro e quarto bimestre, até ai tudo bem, acontece que esse aluno tinha falecido no início do primeiro bimestre. Alguns alunos insatisfeitos por não obterem a nota dez, vão reclamar a chefia do Departamento de Ensino que convida o professor Thomé para que o mesmo se explicasse sobre essa situação. No Departamento de Ensino, Professor Thomé toma conhecimento da situação. O chefe do Departamento solicita que o mesmo justificasse o caso. O professor saiu com o seguinte argumento.

MEU COLEGA O SONHO DESSE ALUNO ERA TIRAR DEZ EM INGLÊS, PORTANTO RESOLVI ATENDER SUA VONTADE MESMO DEPOIS DE MORTO.

CANCER DE PRÓSTATA

Segundo Demócrito (501 AC) já dizia: “nada existe em caráter permanente a não ser as mudanças.” Como a própria história comprova, à medida que o tempo passa, as mudanças parecem acontecer mais rapidamente. Na sua trajetória histórica a Escola já mudou de Liceu Industrial, Escola Industrial de Natal, Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, Centro Federal de Educação Tecnológica e recentemente Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia. Passou a oferecer do simples curso ginásial, oferecendo hoje ensino superior e de pós-graduação. Mudou mais ainda com o ingresso do sexo feminino nos seus cursos, tudo isso em nome das mudanças. No tempo em que a Escola era só para homens, não existia a possibilidade de ingressar homossexuais, se por ventura existisse era muito bem camuflado, no corpo docente nem pensar, no discente se comprovado era expulsão na certa. No segundo semestre letivo de 2011, um professor que leciona uma das disciplinas de conhecimentos gerais, fez uma consulta com um proctologista para saber se tinha problema com a próstata. Após um demorado e minucioso exame pergunta para o médico porque “bicha” não tinha esse tipo de câncer? O médico simplesmente sorriu e não respondeu. No outro dia chegando à sala de professores do campus central, todo saltitante e feliz, bate palmas e diz para os presentes: Gente! Gente! Prestem muita atenção; segundo uma pesquisa que fiz junto as minhas colegas e com confirmação médica, ficou comprovado histórica e cientificamente que “bicha” não tem e nunca poderá ter câncer de próstata. PORTANTO MEUS AMIGOS QUEM NÃO QUISER TER ESSE TIPO DE CANCER BASTA SIMPLEMENTE ADERIR,

FOLIÃO OU VIGIA

Saraiva foi designado pela direção do campus central para responder pelo serviço de vigilância da unidade de Mossoró, uma vez que aquela unidade estava sendo implantada, basta dizer que o setor de vigilância se restringia apenas a chefia, uma vez que não contava com outros servidores. Era véspera de carnaval e Saraiva que é chegado a uma brincadeira principalmente quando toma uns “birinaites”. Perto do final do expediente, Saraiva pega sua bagagem e fica na portaria, quando o professor Nivaldo Ferreira da Silva, Diretor daquela unidade pergunta para Saraiva para onde o mesmo ia. Professor, vou passar o carnaval em Natal com minha família. Nada disso meu amigo, mesmo estando lotado no campus de Natal, você está à disposição desta unidade e durante o período momesco o serviço de vigilância não pode ficar desprotegido, portanto o senhor vai passar o carnaval aqui mesmo na Unidade. Saraiva chama sua esposa para Mossoró, ficando hóspede do professor Luiz Antonio que coincidentemente morava em frente daquela unidade de ensino. Seu carnaval ficou restrito aos dois casais e Saraiva passava a maior parte do tempo de olho na unidade. SARAIVA PASSOU DE CHEFE DO SERVIÇO DE VIGILÂNCIA A VIGIA.

O NARIGUDO

Segundo o professor Luiz Antonio, o professor Carlos Alberto que leciona a disciplina de português é um privilegiado. Primeiro, é bom de língua. Segundo, na sua velhice não está preocupado em como agradar as mulheres, uma vez que seu nariz é bastante proeminente CAPAZ DE FAZER INVEJA A JUCA CHAVES, LUCIANO HULK E ATÉ MESMO AO PINÓQUIO.

A AVALIAÇÃO

O professor Pedro Pinheiro de Souza ministrava a disciplina de desenho, pelas suas características as aulas ocupavam todo o turno da manhã e/ ou da tarde. A sala de desenho era uma sala bastante ampla, arejada, possuindo diversos modelos de gesso para facilitar a aprendizagem. As pranchetas eram equipadas com régua-tê, o aluno à medida que era chamado recebia um par de esquadros, transferidor, régua milimetrada, borracha, lapiseira, caneta tira-linha e tinta nanquim, inclusive a folha de desenho que ficava guardada num armário destinado para tal. A sala de desenho tinha o assoalho de madeira formado por longas tábuas, convém ressaltar que à medida que se caminhava sobre o mesmo provocava um rangido como se as tábuas quisessem se despregar. Geralmente os desenhos eram desenvolvidos em papel opaco formato A2 para em seguida serem copiados em papel vegetal a nanquim. A avaliação era feita durante as aulas pela cópia em papel vegetal e não pelo desenho original. Professor Pedro ao corrigir o desenho de Ilo (chupetão) se surpreende com o número de erros cometidos, linhas mal traçadas, borrões do nanquim dentre outros. Professor Pedro disse: meu filho seu desenho não tem apresentação, acabamento fora os inúmeros erros. Infelizmente, sua nota e três. ILO NÃO SE DANDO POR SATISFEITO COMEÇA A PULAR SOBRE O ASSOALHO PROVOCANDO UMA VIBRAÇÃO DE MODO QUE OS VIDROS DE NANQUIM DERRAMASSEM MANCHANDO OS DESENHOS DE GRANDE PARTE DA TURMA. Ao ser chamado atenção pelo professor Pedro Ilo tasca: SE EU NÃO VOU TIRAR NOTA BOA, NINGUÉM VAI TIRAR TAMBÉM. ILO PELO SEU ATO DE REBELDIA, ALÉM DE FICAR COM NOTA TRÊS “PEGOU” TRÊS DIAS DE SUSPENÇÃO.

O ABASTECIMENTO

O professor Pedro Galvão, Luciano, Bezerril e João Motorista viajavam para a escola de Campos por ocasião dos jogos das escolas Técnicas Federais, após algumas horas de viagem param num posto para abastecer o carro. Saíram do carro para darem uma esticada nas pernas enquanto o frentista fazia o abastecimento, Bezerril disse ao professor Pedro que pagaria a conta depois eles se acertavam.

Carro abastecido “pegam” a estrada, pouco tempo depois o carro da escola é parado por uma viatura da Polícia. Professor Pedro Galvão pergunta ao guarda o porquê da abordagem. Os Senhores abasteceram e não pagaram a conta. Bezerril pede desculpas, pois pensava que o professor Pedro tivesse pagado, por outro lado, professor Pedro pensava que Bezerril tivesse pagado. APÓS OS ESCLARECIMENTOS PRESTADOS, OS PEDIDOS DE DESCULPAS FORMULADOS E A CONTA PAGA, FORAM LIBERADOS PARA SEGUIREM VIAJEM.

A PORTA

Por ocasião dos jogos das Escolas Técnicas em Campos, chefiava a seleção de handebol da Escola Técnica federal do Rio Grande do Norte o professor Oliveiro. Neste período seu filho Gerson foi acometido de uma “braba” catapora, de modo que o professor Oliveiro viajou bastante preocupado com o estado de saúde de Gerson. No dia seguinte professor Oliveiro estava participando de uma reunião com os demais técnicos, quando um funcionário lhe comunica que tinha uma ligação urgente para o mesmo. Oliveiro pensa logo que Gerson tinha piorado, o mesmo sai quase correndo e ao chegar próximo da

sala da direção não se deu conta que tinha uma porta de vidro. PROFESSOR OLIVEIRO DO JEITO QUE VINHA VAI DE ENCONTRO A PORTA QUE SE ESPATIFA PROVOCANDO UM FORTE ESTRONDO.

HINO NACIONAL

Na antiga Escola Industrial de Natal o ensino não se limitava as disciplinas de cultura geral e técnica. Existia uma preocupação em formar, também, o cidadão, para tanto acontecia todos os sábados no salão de honra da escola uma atividade denominada hora cívica que oportunizava aos alunos desenvolverem sua califasia, sobretudo nas datas comemorativas, e ainda aspectos pedagógicos, morais e éticos dentre outros. Essa atividade terminava antes da hora do almoço com a entoação do hino nacional brasileiro. Durante o decorrer da semana pelo menos uma vez era reservado um período de meia hora para o ensaio do hino nacional. Durante o ensaio na parte do hino... Gigante pela própria natureza és belo impávido colosso a turma para contrariar a professora Lourdes Guilherme cantava... impávido coloooooosssso, ou seja: demorando na palavra colosso. A professora Lourdes Guilherme batia com a batuta e gritava: meninos o hino nacional não tem OSSO; enquanto vocês não cantarem direito não libero vocês para almoçar. AÍ ERA QUE A TURMA SÓ PARA VER A PROFESSORA LOURDES CONTRARIADA, CAPRICHAVA NO COLOOOOOOSSSSSSSO.

MAMÃE! MAMÃE.

Professor Álvaro Paulino ministrava uma aula prática sobre baixa tensão no laboratório de eletrotécnica. O professor demonstrava como instalar um interruptor de uma e duas seções, durante a aula um determinado aluno não prestava atenção e ficava brincando com uma lâmpada incandescente, ora girando-a entre as mãos, ora passando-a de uma para a outra mão. Vendo a displicência do aluno e o desinteresse pela demonstração sobre o assunto propositadamente Álvaro provoca um curto-circuito redundando num forte estampido e faíscas elétricas. O aluno que não estava prestando atenção com o susto que teve, solta a lâmpada que se espatifa no chão e sai correndo e gritando pelo laboratório MAMÃE, MAMÃE

SOU EU

No início do ano letivo de 1957, Plácido Joventino que era inspetor de aluno entregava o fardamento para a turma de calouros. À medida que Plácido chamava o número do aluno, este deveria responder pelo nome, Plácido chama o número 174 e a resposta foi – sou eu – eu quem? – eu. - SEU JANILSON, O SENHOR PEGUE SEU MATERIAL, VÁ PARA CASA, PASSE TRÊS DIAS ATÉ APRENDER A RESPONDER CORRETAMENTE.

O ESTRADO

Na hora cívica que acontecia todo sábado no salão de honra da escola os alunos participavam através da apresentação do regional (conjunto musical), declamação, apresentação de um trabalho sobre tecnologia dentre outros. Ao final da reunião, antes da entoação do Hino Nacional o orientador educacional ou o diretor proferia algumas palavras de incentivo e de formação moral. Nesta época era diretor da Escola o professor Geremias Pinheiro. Acontece que para a regência do Hino Nacional regido pela professora Lourdes Guilherme colocaram um estrado entre a mesa diretora e a primeira fila de cadeiras, de modo que o professor Geremias para se dirigir ao microfone da sala teria que passar pelo estrado. Professor Geremias discretamente empurra o estrado com o pé, quando se dá conta do ato, faz um sinal ao aluno que estava sentado de frente ao estrado, na ocasião Camilo Barreto. CAMILO NÃO SE FAZ DE ROGADO, SE LEVANTA E COM O PÉ COMO QUEM ANDA NUM PATINETE, EMPURRA O ESTRADO, COMO O ASSOALHO ERA DE MADEIRA O BARULHO FOI GRANDE, E O RISO DA TURMA AINDA MAIOR.

A APRESENTAÇÃO

A professora Expedita Medeiros coordenava as atividades do clube de Francês, dentre os integrantes do grupo convida o aluno Pedro Xavier para cantar uma canção em francês por ocasião do aniversário da Escola. Sugere a Pedro Xavier fazer alguns ensaios com o conjunto musical da Escola. Decorridos alguns ensaios, Pedro comunica a professora Expedita que tinha ensaiado bastante, e que estava preparado para fazer sua apresentação. Chegando o dia da apresentação, o salão de honra estava repleto pelos alunos, funcionários e professores. PEDRO AGUARDANDO SUA VEZ COMEÇA A TREMER, SUAR FRIO E O PIOR COM DOR DE BARRIGA. É DESNECESSÁRIO DIZER QUE NA SOLENIDADE NÃO TEVE A PARTICIPAÇÃO DO CLUBE DE FRANCÊS UMA VEZ QUE DEU EM MERDA.

O GATO

O professor Paulo Leiros ministrava mais uma aula de geologia, a turma concentrada guardava o mais profundo silêncio e atenção. No decorrer da aula, do “fundo” da sala se escuta um sonoro MIAU, MIAU. A turma até então compenetrada cai numa estrondosa gargalhada. Paulo Leiros pede silêncio à turma e promete que até o final da aula ele iria provar que o gato era viado. Finalmente a aula termina, e antes de liberar a turma diz: EU NÃO DISSA QUE ESSE GATO ERA VIADO, POIS NÃO MIOU MAIS.

O ATRASO

Os alunos que ingressavam na Escola, em grande parte eram oriundos do interior. No primeiro dia de aula os alunos eram encaminhados para suas respectivas salas de aula no primeiro andar que eles localizariam seus nomes numa relação fixada junto à porta. Um desses alunos, vindo do interior era bastante tímido e teve dificuldades em localizar sua turma. Como a turma já tinha entrado ele vai até a porta e encontra o professor Jonatas olhando para o corredor. O aluno querendo justificar seu atraso pergunta para Jonatas. Posso falar com o professor dessa turma? Jonatas com quase seus dois metros de altura com seu vozeirão disse: pode falar, sou eu mesmo. O ALUNO FICOU TÃO APAVORADO QUE SÓ VOLTOU NO OUTRO HORÁRIO JUNTO COM A TURMA.

CORPORATIVISMO

Professor João Faustino Ferreira Neto, recém-eleito e empossado diretor da Escola, primava pelo desempenho da escola, com seu espírito inovador propõe várias mudanças na escola, dentre elas uma que os alunos não podiam se reunir nas salas da escola após o horário das aulas. Uma turma do terceiro ano impedida de entrar numa determinada sala para realizar algumas atividades se revolta e arrombam a porta. João ao tomar conhecimento do fato, vem pessoalmente conversar com a turma. Chama um por um e perguntava: foi você? A resposta era sempre não. Sabe quem foi? – Não. Professor João tinha a esperança que algum aluno “abrisse a boca” e contasse quem foi o/ou os autores da façanha. João com sua paciência e sabedoria chama o encarregado da manutenção e manda consertar a porta e comenta: EM ESPIRITO CORPORATIVO NINGUEM MEXE.

NEM QUERO VER

A escola dentro do seu papel como instituição de ensino, propiciava não só os cursos técnicos regulares, como também cursos de intercomplementaridade ou de curta duração mediante convênios com outras instituições como, por exemplo, o exército. Eram cursos voltados para a área técnica com curta duração, tais como: eletricidade, marcenaria, mecânica dentre outros. Para coordenador desses cursos foi designado o professor Antonio Carvalho. Na época professor Antonio possuía um jipe usado como meio de transporte. Certa feita, ao chegar à Escola, um aluno vem ao seu encontro gritando professor Antonio, professor Antonio corra que aconteceu um acidente com o professor Kerginaldo Barbosa de Oliveira, Professor Antonio se apressa, e ao chegar à oficina de marcenaria depara-se com o professor Kerginaldo com a mão suja de sangue, fazendo pressão sobre a mesma, encontra a serra de fita funcionando sem as devidas proteções, e vê que o dedo indicador do professor Kerginaldo estava quase que decepado. O professor Antonio e Kerginaldo “pegam” o jipe, e saem em direção ao hospital universitário, durante o trajeto o professor Antonio Fernandes evitava olhar para a mão do professor Kerginaldo que sangrava bastante. Kerginaldo vendo o estado de aflição do professor Antonio Fernandes, levava a mão em direção ao mesmo e friamente dizia: OLHA O DEDO ANTONIO, OLHA O DEDO. PARA ANTONIO, O TRAJETO ENTRE A ESCOLA E O HOSPITAL UNIVERSITÁRIO, FOI O MAIS LONGO DA SUA VIDA.

GATO DE BOTAS

O professor “Zé de Góis” fora designado pela direção da escola para chefiar o setor de manutenção. Compatível com suas novas funções, Zé de Góis trajava quase sempre um macacão e botas de borracha tipo galochas. Certa feita Zé de Góis vinha do estacionamento em direção ao prédio quando soa o toque de intervalo das aulas, oportunidade em que a grande maioria dos alunos saía da sala e iam até o parapeito do corredor e ficavam apreciando a paisagem ou então conversando esperando o toque para a próxima aula, neste exato momento o professor Zé de Góis que vinha em direção ao prédio quando um aluno da um psiu e Zé de Góis ao olhar para cima um aluno grita: olha turma um gato de botas. Zé de Góis não conta história e responde: É A MÃE!

A VESPA

Durante o período em que lecionavam na Escola Industrial de Natal na Av. Rio Branco, os professores Paulo Nobre Barreto e José de Góis - que moravam próximo no bairro Neópolis resolvem se associar para comprarem uma vespa. Compra feita, os mesmos começaram a usar a vespa. Ocorre que só o professor Zé de Góis pilotava a vespa e Paulo Nobre sempre de carona. Tal situação incomodava, sobretudo, o professor Paulo Nobre que sendo, também, dono não tinha oportunidade de pilotar a mesma. Fim de semana e os mesmos resolvem viajar até Pau dos Ferros, dado a insistência de Paulo Nobre o mesmo era quem iria dirigir a vespa. Na segunda-feira ao chegarem à Escola, estava Paulo Nobre todo reventado e Zé de Góis com escoriações, Perguntado sobre o caso, Zé de Góis dizia: PERGUNTE AO CANGUEIRO PAULO NOBRE QUE NÃO DIRIGE NEM BICICLETA.

QUEM FOI?

Na escola da Avenida Salgado Filho o refeitório era comum aos professores e alunos. Final do lanche, o refeitório quase vazio, quando o professor Nivaldo Ferreira Chefe da disciplina da Escola arremessa um copo de vidro em direção ao professor Antonio Fernandes, que vendo o copo vindo em sua direção se abaixa, resultando na queda do mesmo que se espatifa no chão. Nivaldo fazendo-se de inocente disse: QUEM FOI O ENGRAÇADINHO QUE FEZ ISSO?

O PLANO

No ano de 1963, alguns ex-alunos realizaram, em Curitiba um curso de magistério para professores do ensino industrial, e no ano seguinte assinavam contrato com a Escola como professores devido à expansão do ensino industrial, com a implantação dos Ginásios industriais. Concomitantemente alguns professores oriundos de outros estados eram transferidos para a escola. Do norte veio transferido para a oficina de Marcenaria o professor Leão. Professor Leão se virava fazendo alguns extras, por exemplo, vendendo planos funerários. Ao encontrar o professor Antonio Fernandes tenta lhe convencer das vantagens que o plano oferecia: velório, caixão, translada etc. Antonio simplesmente responde ao professor Leão, PROFESSOR, FAZ APENAS DOIS MESES QUE ASSINEI CONTRATO COM A ESCOLA, E O SENHOR JÁ QUER QUE EU MORRA, VAMOS DEIXAR ISSO PARA DEPOIS.

ZÉ BILOLA

Ao ingressar na Escola Industrial de Natal na Avenida Rio Branco, o aluno, José Maria Pinto já apresentava um corpo bastante desenvolvido e uma voz de trovão, em suma era grande e grosso pela sua avantajada tipologia. Zé Maria, enquanto aluno recebeu diversos apelidos dentre eles o de Zé Bilola. Senão vejamos: certa feita os alunos estavam perfilados na quadra de esportes numa solenidade bastante demorada, sol quente, a turma suando, e esperando pelo café da manhã. Faltando apenas a entoação do Hino Nacional Brasileiro - quando se escuta um forte baque, era Zé Maria que tinha desmaiado. Daí para frente os alunos começaram a chamar Zé Maria de ZÉ BILOLA.

CALÇA CURTA

Na escola da Avenida Rio Branco, no primeiro dia de aulas para os calouros, conta o professor Antônio Fernandes que a única calça comprida que tinha estava velha e rasgada, razão pela qual foi para a escola de calça curta, hoje bermuda. Ao tentar entrar pelo portão lateral da Escola foi recebido pelos alunos veteranos liderados por Moisés. Ao ver Antônio querendo entrar, lhes aplicam um belo sarrafo, e Moisés aplica uma tapa em Antônio que cai na calçada. Antônio sai chorando e dizendo: vou dizer para o Diretor. Moisés disse: pode dizer, mas de calça curta aqui você não entra. Para sorte de Antônio no dia seguinte foi distribuído o fardamento para os calouros, ANTÔNIO NÃO SO PODE ENTRAR COMO TAMBÉM ASSISTIR AS DEMAIS ATIVIDADES ESCOLARES.

A BOLSA

Professor Lenilson Carvalho era um boa vida, lecionava a disciplina Ciências na escola. (Leleu para os íntimos) era um boa vida, brincalhão, vivia tirando sarro com seus colegas, sempre de bem com a vida. Leléu, juntamente com outros professores mantinha um jornal mural apreciado por uns a contestado por outros pela maneira jocosa com que divulgava os informes. Certa feita, Lenilson entra na sala de professores e depara-se com uma bolsa sobre a mesa, olhando para os lados e vendo que ninguém estava vendo coloca-a no congelador. Passado algum tempo, Leleu sai para a sala de aula e esquece-se de avisar que tinha colocado uma bolsa na geladeira. Momento depois chega a professora Expedita Medeiros procurando pela sua bolsa. Foi um procura daqui e dali até que o professor Bernardino abrindo a geladeira encontra a bolsa congelada, DE TÃO BRANCO QUE ESTAVA, PARECIA UM PICOLÉ.

COMPETÊNCIA

Professor Ferdinando Teixeira Sempre se destacou não só como professor de educação física, como também como técnico de futebol. Ferdinando foi convidado por uma equipe do Ceará para ser treinador. A tentação era grande uma vez que ofereciam um salário de vinte e cinco mil reais. Professor Luiz Carlos querendo tirar “sarro” com Ferdinando ao encontrá-lo exclama: meu colega, o negócio e ser técnico de futebol e não professor que está longe de ganhar vinte e cinco mil reais de salário. Professor Ferdinando que conhecia bem as intenções de Luiz Carlos responde: É ISSO AI PROFESSOR, PARA GANHAR BEM NÃO É PRECISO SER TÉCNICO DE FUTEBOL OU PROFESSOR, BASTA TÃO SOMENTE TER COMPETÊNCIA.

O RELÓGIO

O professor Estélio Ferreira era professor de matemática na antiga Escola Industrial de Natal, Estélio possuía uma avantajada estatura, andava quase sempre de terno branco com gravata listrada e tido pela turma como um professor bastante rígido. Professor Estélio tinha o hábito de chamar os alunos por capacidade negativa, por exemplo: fulano, capacidade negativa, vá ao quadro e copie a seguinte expressão. Certa feita, professor Estélio vinha do fomento agrícola onde era um dos diretores, ao chegar à sala encontra a turma esperando pelo mesmo. Olha seu relógio e vê que o mesmo estava parado. Encara a turma e pergunta: quem quer esse relógio? Silêncio total, menos por Luiz Carneiro que se levanta e diz: eu. Estélio joga o relógio na direção de Carneiro, que num pulo agarra o mesmo e disse gostou do goleiro? GOSTEI, MAS SE VOCÊ USAR ESSE RELÓGIO NA MINHA AULA LHE DOU UNS TABEFES.

A FAXINA

Na Escola da Rio Branco, a Direção resolve incrementar o café da manhã acrescentando ao cardápio cuscuz. No refeitório as mesas eram dispostas uma ao lado da outra e comportava onze alunos, sendo cinco no lado direito e cinco no lado esquerdo, na cabeceira sentava o presidente da mesa, responsável pela distribuição dos alimentos. Não se sabe como, quando de repente tem início uma verdadeira batalha de cuscuz, era cuscuz jogado para lá, cuscuz jogado prá cá, até que um aluno tentando acertar a mesa que ficava próximo da porta, acerta no Professor Pedro Pinheiro, Diretor da Escola. Professor Pedro limpando a roupa e encarando a turma simplesmente disse: COMO NÃO VAI APARECER O AUTOR DESSA FAÇANHA, VOCÊS SÓ IRÃO ASSISTIR À AULA QUANDO FIZEREM UMA RIGOSOSA FAXINA NO REFEITÓRIO.

A ALFINETADA

O professor José Inocêncio, vulgarmente conhecido como Mestre Brinco e o professor Natanael eram professores na oficina de alfaiataria. Mestre Brinco devido sua pratica tinha o costume de usar uma porta-alfinete principalmente quando estava confeccionando um palitó. Usava a almofada colocada no pulso esquerdo, e à medida que necessitava pegava um alfinete, ora colocando na roupa, ora colocando-o na almofada. Gesse, alcunhado de Gesse cão, intrigado com a habilidade de mestre brinco, provoca uma distração de modo a retirar do pulso a almofada do mestre brinco. Ao colocar um alfinete na almofada, professor brinco espeta o pulso uma vez que a almofada tinha sido retirada. MESTRE BRINCO EM ALTA VOZ DISSE: QUEM FOI O GAROTO QUE FEZ ISSO? POIS QUERO LHE DAR UMA ALFINETADA NA BUNDA.

GUERRA DAS BATATAS

Próximo de terminar seu mandato como diretor da Escola, professor Jeremias Pinheiro, resolve reforçar o café da manhã, uma vez que a maioria dos alunos vinha da aula de educação física realizada no parque esportivo do América Futebol Clube. Reúne o pessoal da cozinha dizendo que a partir do dia tal o café da manhã geralmente composto de café com achocolatado, pão com manteiga, e frutas, seria reforçado com batata doce. No primeiro dia a ser servido com batata doce, não deu outra, os alunos começaram a jogar batata uns nos outros numa verdadeira guerra. Professor Jeremias resolve ir até o refeitório para ver se os alunos gostaram da novidade, ao adentrar no refeitório recebe uma batatada nos peitos, pede atenção e sentença: OS SENHORES SO IRÃO PARA AS AULAS APÓS LIMPAREM TODA ESSA BAGUNÇA, E NÃO MAIS SERÁ SERVIDA BATATA NO CAFÉ.

O SUICÍDIO

Em agosto de 1954, o Brasil parou e foi tomado de forte comoção com o suicídio do presidente Getúlio Vargas. Logo cedo os alunos do curso de marcenaria vestindo seus macacões esperavam o início das aulas conversando na calçada da oficina. O professor Pedro Pinheiro de Souza, Diretor da Escola vinha passando pela quadra de esportes quando um funcionário sussurra algo em seu ouvido. A turma vendo aquele comportamento se choca ao ver o professor Pedro chorando. Os alunos ficam numa expectativa para saber o que estava ocorrendo. Professor Pedro dirigindo-se aos alunos disse: meus filhos estamos órfãos, acaba de se suicidar o nosso presidente da república Getúlio Vargas. Por esse motivo as aulas serão suspensas por tão fatídico acontecimento. BATISTA, ALUNO DE MARCENARIA GRITA: GRAÇAS A DEUS. Professor Pedro mesmo comovido exclama: E O SENHOR ESTÁ SUSPENSO POR CINCO DIAS.

A CHARADA

Ao ingressarem na escola Industrial de Natal, os calouros passavam por um rodízio pelas oficinas de Marcenaria, Alfaiataria, Artes do Couro e Mecânica de Máquinas para serem observadas suas aptidões, e assim cursarem uma dessas modalidades profissionais. Ao chegarmos à oficina de Alfaiataria, onde as aulas eram ministradas de forma agradável e jocosa com as histórias contadas por Mestre Brinco. Já o professor Natanael Gomes da Silva era mais circunspecto, caprichava no penteado, sempre usando terno e gravata de fazer inveja a qualquer estilista. Professor Natanael gostava de “matar” charada, a turma descobrindo essa sua preferência, começa a lhe apresentar novas charadas. Particularmente, charada não era meu forte e sim desenho. Um colega de turma, Marcondes Pinheiro, me chama para me ensinar uma charada que segundo o mesmo professor Natanael iria gostar. Fomos para um banco de madeira que ficava no corredor próximo a porta de entrada da oficina. Marcondes disse: Janilson preste atenção! Você diz: Professor Natanael, aprendi uma nova charada, duvido que o senhor decifre. Natanael com a calma que lhe era peculiar disse: duvido, mas diga qual é a charada. – NA GREGA E AQUI É O SEU CONSOLO, UMA E UMA. PROFESSOR NATANAEL ENCARANDO JANILSON, DISSE: MEU FILHO PARA SEU CONSOLO O SENHOR VAI FICAR UMA SEMANA SUSPENSO.

A COLA

Ivonete Mamede professora de Inglês se orgulhava junto aos seus colegas, dizendo que com ela aluno nenhum conseguia colar, chegando ao ponto de desafiar a turma que com ela ninguém colava, até porque Inglês era uma disciplina importante para a vida profissional. Numa de suas turmas tinha um aluno de nome Josemar que não era flor que se cheirasse. Josemar disse prá si mesmo, vou aprontar uma com essa professora. No dia da prova, a professora Ivonete se transformava, parecia mais um cão de caça de modo que ninguém colasse. Iniciada a prova, Ivonete ficava num ponto estratégico, uma vez que tinha baixa estatura, noutros momentos circulava entre as carteiras. Josemar, vez por outra abria a mão como se estivesse vendo algo e em seguida escrevia na prova. Ivonete percebendo essa atitude chama a atenção da turma que tinha um aluno querendo colar. Josemar não se intimida, por outras vezes, repete o mesmo gesto, abre a mão, olha e volta a escrever na prova. Ivonete se aproxima de Josemar e diz: Josemar você está colando, abra sua mão esquerda. Josemar – não queira não professora! Ivonete com voz incisiva repetia: vamos Josemar abra essa mão de uma vez por todas. – Professora pelo amor de Deus não queira não. Ivonete demonstrando irritação grita: pela última vez abra essa mão. Josemar vagarosamente começa a abrir a mão, estando toda aberta mostra para Ivonete que cai numa gargalhada, estava escrito: CARECOU.

A REVISTA

Nas aulas de Inglês, a professora Ivonete Mamede permitia a seus alunos assistirem suas aulas quem estivesse com o livro de Inglês. Pra variar, Josemar que era presepeiro por natureza, pega uma revista do tio patinhas, retira seu miolo e cola a capa da revista na capa do livro de inglês, de maneira que o livro ficou parecendo com a revista. Iniciada a aula, Ivonete notando que Josemar não estava com o livro de Inglês dizia: guarde essa revista Josemar. Josemar fazia que não fosse com ele e continuava lendo. Josemar pegue seu livro de Inglês! E Josemar nada. Aproximando-se de Josemar, num gesto brusco arrebatava a revista das suas mãos. Ao ver que era o livro de Inglês e não uma revista, Ivonete sentenciava: DESISTO, VOCÊ NÃO TEM MAIS JEITO.

A CHAMADA

João Carneiro na época em que foi inspetor de alunos era o terror dos alunos, com seus óculos preto e sua bata cinza e sua voz de taboca não dava colher de chá para os alunos. No primeiro andar onde ficavam as salas de aula, Carneiro parecia um soldado, ia e vinha pelo corredor para que houvesse silêncio. Ao passar por uma sala, a turma em coro gritava! BEEEEÉÉ. Carneiro ao se dirigir para a turma, da outra sala a turma repetia: BEEEEÉÉ. A professora Amiriz, esposa de João Carneiro aproveitava espaços na sua aula de Português e conversava com a turma. Vocês devem respeitar os mais velhos, e dava aquela lição de moral. Ao fazer a chamada, abrindo o diário de classe pergunta: hoje é vinte e dois? A turma em coro respondia: ÉEEEEÉ. NÃO TENDO ALTERNATIVA, COMEÇA A RIR.

A MÁGICA

Na época em que Zanoni foi aluno da Escola, como a maioria dos alunos fez, também, suas peraltices. As carteiras eram confeccionadas em madeira, com tampo em forma retangular, na parte inferior ao tampo existia um espaço para se guardar o material escolar. Numa prova de Física, o professor José Albino percebe Zanoni enfiando a mão no respectivo espaço por mais de uma vez. Zanoni tinha preparado uma “cola” com as principais fórmulas de Física colocadas no fundo da carteira. Sorrateiramente, José Albino vem por trás e espera Zanoni enfiar novamente a mão. – Zanoni, por favor, me dê esse papel! – Professor, aqui não tem papel nenhum. – Tem sim que eu vi. Zanoni se abaixando coloca a “cola” na meia levanta-se dizendo: pode ver professor. Albino olha e vê que tinha papel. Albino insiste: TER EU SEI QUE TEM! SÓ NÃO SEI QUAL FOI A MÁGICA QUE VOCÊ FEZ PARA DESAPARECER.

O COCO

Professor Geraldo Pereira Pinto caminhava pelo pátio da Escola aguardando a hora da sua aula. No terreno próximo da cantina, na época, tinha uns pés de coqueiro, por fatalidade do destino o professor ao passar pelo local cai um coco acertando-o na cabeça. Os alunos que presenciaram a inusitada cena correm apara acudir o professor. Para surpresa dos alunos, Geraldo alega estar tudo bem, pega o coco e sai em direção à sala de aula. Chegando a sala, Geraldo conta sobre o acidente que acabara se sofrer e brinca: meu “cocuruto” é mais duro do que o coco. Geraldo coloca o coco sobre o bureau dizendo: VOU GUARDAR ESSE COCO COMO LEMBRANÇA E SO VOU BOTÁ-LO FORA NO DIA EM QUE ME APOSENTAR.

DEMOLIÇÃO

Um grupo de professores da Mecânica estava acidentalmente reunidos comentando sobre o crescimento da Instituição nos diversos sentidos, quando o professor Kerginaldo Barbosa de Oliveira “keke” para os mais íntimos faz um comentário sobre as constantes mudanças, principalmente, no que concerne a parte física do prédio. Segundo “Keke” é um derruba parede, fecha parede, derruba-se novamente e assim por diante, no que todos concordam. Kerginaldo então sai com o seguinte argumento. O PESSOAL DE CONTRUÇÃO SOLICITAVA AOS PROFESSORES DE MECÂNICA TORNEAREM UNS RODÍZIOS DE TECNIL QUE SERIA ADAPTADOS A PAREDE, E ASSIM QUANDO FIZESSEM UMA DEMOLIÇÃO, ERA SÓ EMPURRAR A PAREDE PARA O LOCAL, EVITANDO ASSIM DESPERDÍCIO E TEMPO.

O LANCHE

No período em que era realizado o exame de seleção para ingresso na Escola, o Departamento de Ensino convidava alguns servidores para atuarem como fiscal de turma. Feita a distribuição das turmas, primeira sala do corredor ficou para o professor Diógenes de Desenho. No decorrer da prova, chega um servidor com uma bandeja repleta de sanduíche, colocando-a sobre o bureau diz para professor Diógenes que ia buscar os refrigerantes. Diógenes achando que o lanche era para os alunos começa a distribuir aos alunos. O servente chegando à sala com os refrigerantes e vendo a bandeja vazia exclama: MEU DEUS E AGORA PROFESSOR, OS OUTROS FISCAIS VÃO FICAR SEM SANDUÍCHE. SÓ VAI TER REFRIGERANTE.

A APROVAÇÃO

Iniciava o ano de 1955, os alunos que prestaram o exame de admissão para ingressarem na Escola Industrial de Natal, aguardavam o dia aprazado para saberem do resultado. Finalmente chega o dia, os alunos são orientados para se dirigirem para a quadra de esportes, era grande a expectativa, quando chega o professor Geraldo Serrano com a lista nas mãos. Faz-se um silêncio mortal, e o professor Serrano pede, à medida que o aluno fosse chamado passassem para o lado esquerdo da quadra. Os alunos chamados vibravam ao escutarem seus nomes. Terminada a chamada, os demais alunos apresentavam sinais de tristeza e decepção. Naquele momento Serrano disse: Os que foram chamados estão dispensados, os demais formem coluna por três no lado direito da quadra, pois foram aprovados. **ÁLVARO PAULINO E PAULO XAVIER QUASE QUE TÊM UM ATAQUE CARDÍACO.**

O MACACÃO

Um dos alunos do curso de Artífice em Mecânica de Máquinas era meio desligado, displicente e bastante devagar, simplificando era meio lesado. Devido sua elevada estatura, ao vestir o macacão para as aulas de oficina, a gola fazia pressão na sua nuca fazendo que sua cabeça ficasse curvada para baixo. Além de ser comprido e magro seu macacão mesmo sendo de grande tamanho parecia uma calça curta, por isso seus colegas passaram a lhe chamar de maiô. Álvaro Paulino que cursava Alfaiataria vendo o desconforto do colega pede para dar um jeito no macacão. Álvaro simplesmente corta a gola do macacão e maiô passa a se sentir mais à vontade. **MAIÔ ERA O PRIMEIRO E ÚNICO ALUNO DA ESCOLA A USAR UM MACACÃO SEM GOLA.**

A FUGA

Álvaro Paulino e Paulo Xavier eram muito amigos, tipo “unha e carne” mesmo. Álvaro sendo da Alfaiataria e Paulo Xavier da Marcenaria, além da amizade, ambos eram torcedores do ABC FC, os treinos do ABC na época eram num campo onde hoje funciona o CCAB-NORTE, num dia de treino os dois queriam ir assistir, mas como sair da Escola Industrial, Pela portaria impossível, pelo portão lateral, idem, uma vez que o mesmo fechava as sete e só abria às dezessete horas. Mais paixão é coisa séria e resolvem pular a janela da oficina da Marcenaria para assistirem ao treino. Ao pularem a janela dão de cara com o professor Serrano que indaga: para onde os senhores pensam que vão? Paulo: a gente ia. Pois voltem para a Escola pelo mesmo caminho que vocês saíram. FOI UMA LUTA VOLTAREM, UMA VEZ QUE A JANELA DE FORA PARA DENTRO ERA MAIS ALTA DO QUE DE DENTRO PARA FORA.

A REUNIÃO

Camilo Barreto era o menor aluno da sua turma, e talvez, de toda a Escola, até mesmo seu irmão Carlos Barreto que era mais moço do que ele, uns dez centímetros maior. Os alunos da quarta série agilizavam os preparativos para a festa de conclusão de curso, e fazem uma reunião na sala número três, conhecida como sala de Ciências. Iniciada a reunião, Camilo vendo que estava atrasado corre em direção a porta, ao tentar entrar é barrado pelo Diretor, Pedro Pinheiro que lhes disse: meu filho desculpe aqui você não entrar, não está vendo que é uma reunião somente para os alunos da quarta série. Camilo meio surpreso responde: DESCULPE O SENHOR, MAIS EU TAMBÉM SOU ALUNO DA QUARTA SÉRIE!

SEM FOME

Nos primeiros dias de aula do novo período letivo, um dos alunos da 3ª série que se sentava à mesa da qual Camilo de Feitas Barreto era o presidente, se recusa almoçar. (em cada mesa sentavam-se seis alunos de cada lado e na cabeceira o presidente). Professor Geremias Pinheiro, diretor da Escola coincidentemente passava pelo refeitório e presenciando a cena, pede para o aluno comparecer a Diretoria. Meu filho, já que você não quer comer, vamos até sua casa. Lá chegando, seus pais estavam almoçando, na mesa só tinha feijão, arroz e banana. Geremias conta o ocorrido aos pais do aluno, que bastante envergonhados, pedem desculpas pelo comportamento do filho. De volta a Escola, professor Geremias, após passar um belo sermão disse: MEU FILHO, JÁ QUE PARA VOCÊ O ALMOÇO DA SUA CASA É MELHOR DO QUE O DA ESCOLA, VOCÊ COME SE QUISER, MAS VOCÊ FICA SUSPENSO POR TRÊS DIAS.

A FILA

Barrozo Leite de Medeiros na época que foi aluno da antiga Escola Industrial de Natal pertenceu ao corpo de vigilantes. Certo dia, Barrozo foi designado para ficar responsável pela entrada dos alunos no refeitório. As turmas eram dispostas em coluna de três por ordem da série. Álvaro Paulino, líder da turma do segundo ano, tendo em vista que naquele dia compareceram apenas cinco alunos, por isso, resolve que os mesmos fizessem fila indiana. Barrozo vendo sua autoridade de vigilante ser desrespeitada manda os alunos fazerem fila de três. Álvaro manda os alunos retornarem a fila indiana, dizendo para Barrozo que quem mandava na turma era ele. Na escala disciplinar um vigilante tinha mais autoridade do que um líder de turma. POR ISSO, ÁLVARO PEGA UMA SUSPENSÃO DE TRÊS DIAS.

A SUSPENÇÃO

Antônio João era aluno do curso de Mecânica e era chamado pela turma de “tãojão”, por permanecer na oficina fora do seu horário de aula “tãojão” pega uma suspensão de três dias. Toda pena disciplinar aplicada aos alunos, antes do almoço era lida por um vigilante para que todos tomassem conhecimento. Mariberto Dantas Bezerra foi o vigilante escolhido para fazer essa leitura. Mariberto inicia a leitura dizendo: etc. etc. por esse motivo o aluno Antônio João fica suspenso... tãojão interrompendo a leitura disse: de novo, já paguei essa suspensão. - Não importa se você pagou ou não, pode sair sem almoçar. Álvaro, dirigindo-se para o presidente da mesa que “tãojão” estava sentado, disse: - colega no refeitório quem manda é o presidente da mesa não deixe “tãojão” sair. DITO E FEITO, “TÃOJOÃO” NÃO SAIU, MAS ÁLVARO FICOU SUSPENSO POR TRÊS DIAS.

O BISCATE

Os alunos da Escola Industrial de Natal, ao se aproximar o sete de setembro, recebiam um novo fardamento para desfilarem com garbo na parada de sete de setembro. Neste momento os alunos da quarta série do curso de alfaiataria aproveitavam para confeccionar alguns uniformes, e assim ganharem alguns trocados. Álvaro Paulino e Gesse (vulgo Jessé Cão) resolvem seguir os passos dos alunos da quarta série, ambos cursavam a terceira série e juntos não davam meio alfaiate. Mesmo assim resolvem aceitar algumas encomendas, para tanto pedem um adiantamento para comprar botões, linha etc. - pela falta de experiência, um costurava o outro achando que não estava bom, desmanchava e os dias iam se passando e nada da produção deslanchar. Resolvem pedir ao Mestre Brinco para fazerem serão na alfaiataria, mas Mestre Brinco não permitiu. Resolvem então traçarem uma estratégia para usarem a oficina de alfaiataria. Sabendo que Vermelho vulgo “mimi”, após as aulas da tarde saía para paquerar no grande ponto, fazem a cabeça de Vermelho dizendo que Mestre Brinco não se opunha que os mesmos utilizassem a Alfaiataria desde que Vermelho abrisse o portão. Conversa vai, conversa vem, e Vermelho empresta a chave do portão lateral para fazerem uma cópia. Neste espaço de tempo, Álvaro consegue copiar a chave da alfaiataria, assim sem autorização começam a fazer serão. Ao se aproximar o sete de setembro, veem que poucas fardas estavam prontas, e mesmo costurando vinte e quatro horas por dia não dariam conta das encomendas. Chegam à conclusão que o melhor era devolver o dinheiro para os alunos cujas fardas não estavam prontas. Álvaro então descobre que num dos gavetões da oficina ficavam guardados muitos uniformes que seriam distribuídos para os calouros do próximo ano. Álvaro arromba um dos gavetões e comparando as medidas retirava as fardas que faltava. No outro dia, Álvaro conta para Gesse que as fardas estavam prontas. ATÉ HOJE NINGUÉM DESCOBRIU O FURTO DAS FARDAS.

OS HERÓIS

Por ocasião da primeira Olimpíada realizada junto aos colégios de Natal, patrocinada pelo

Santa Cruz FC em 1956, disputavam a Escola Industrial de Natal, Marista, Sete de Setembro, Ateneu e Ginásio Natal. Cada escola participante formava uma equipe composta por três alunos por modalidade. A Escola Industrial de Natal era tida como uma forte concorrente menos na modalidade de Xadrez. Camilo Barreto ficou em dúvida em qual equipe participar, futebol ou tênis de mesa, optou pela equipe de tênis de mesa, mas foi remanejado para a equipe de Xadrez, tendo em vista a carência de enxadrista para formar a equipe. Os alunos comentavam que a Escola certamente seria Campeã menos em Xadrez. A equipe de Xadrez era composta pelos alunos Benedito Marinho, Diacuí e Camilo. Para surpresa de todos, Camilo sagrou-se campeão individual e a equipe campeã da modalidade. O campeonato de xadrez foi realizado na antiga sede da AABB na Avenida Deodoro mais ou menos de frente para o atual prédio do Nordeste. Chegando à Escola a equipe pede à Salete Romano secretária do Diretor para falarem com o mesmo. Ao serem recebidos, contam ao diretor do feito realizado, principalmente, devido à equipe, que a priori estava desacreditada. Professor Pedro escuta a narrativa, e à medida que os fatos eram narrados, professor Pedro começa a ficar vermelho, com os olhos marejando e com voz embargada disse: MEUS FILHOS, NÃO IMPORTA O QUE OS OUTROS PENSARAM, O IMPORTANTE É QUE HOJE VOCÊS SÃO UNS HERÓIS.

O FUXIQUEIRO

Decorrido algum tempo em que o professor Irineu Martins de Lima assumira a Direção da Escola Industrial de Natal, quando um funcionário vai até a Diretoria e lhe confidencia: professor o senhor me conhece o bem, o que vou lhe dizer é confidencial. Professor “fulano de tal” anda dizendo cobras e lagartos do senhor, disse isso e aquilo e mais aquilo outro, e ainda que o senhor é arbitrário, desonesto e o escambau. Professor Irineu ouvia tudo calado e ao final disse: esta certo, e manda chamar o respectivo funcionário que o detratava. – Que é isso professor! O senhor vai chamar “fulano” na minha frente? Isso vai acabar comigo, e olhe que “fulano” é metido a brabo. – Não se preocupe disse professor Irineu; “Fulano” pediu para você comparecer a Diretoria, porque seu colega aqui presente me disse que você vive falando mal de mim, é verdade? O funcionário

fica pálido e seu colega bastante surpreso. Ao final de uma breve acareação, o funcionário denunciado vendo que não tinha saída disse: É verdade professor, eu disse tudo isso que o senhor ouviu ele dizer. Faz-se um enorme silêncio, quando o funcionário fuxiqueiro, branco que nem uma vela interrompe o silêncio e pergunta: e agora professor, o que é que o senhor vai fazer? Professor Irineu com a calma que lhe era peculiar responde: NADA. É ISSO MESMO, NADA. TUDO QUE VOCÊS DISSERAM É A MAIS PURA VERDADE, POR ISSO APERTEM AS MÃOS E VOLTEM PARA SUAS ATIVIDADES. A PARTIR DESTE FATO, PRATICAMENTE NÃO SE OUVIA FUXICO NA ESCOLA.

RECOMENDAÇÃO MÉDICA

Seu Augusto, cozinheiro da antiga Escola Industrial, tomando conhecimento que Álvaro Paulino costurava bem, resolve falar com Álvaro para que o mesmo costurasse uma calça para ele. Álvaro no desenrolar da conversa disse: depende seu Augusto. Augusto responde dizendo que não era de graça, que o mesmo pagaria pela feitura da calça. Álvaro retruca: que é isso seu Augusto, não vou lhe cobrar nada, apenas gostaria que na hora do almoço meu bife fosse assado na chapa e sem gordura. Embora a costura não ficasse lá essa coisa, Augusto cumpre com o acertado. Bife assado na chapa, sem gordura, da melhor qualidade. Os alunos vendo o tratamento diferenciado de Álvaro lhes pergunta: Álvaro porque seu Augusto lhe serve uma carne melhor que a nossa? A RESPOSTA VEM EM CIMA DA BUCHA: É DEVIDO A RECOMENDAÇÃO MÉDICA.

A COMEMORAÇÃO

A antiga Escola Industrial de Natal funcionou no prédio da Av. Rio Branco até 1967, sendo que em 23-08-65 mudou o nome para Escola Industrial Federal do Rio Grande do Norte, ainda em 16-06-68 para Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, passando a funcionar no prédio de Morro Branco. Nesta época a Escola ainda usava o fardamento na cor “caqui” com gravata azul marinho causando verdadeiros atritos com os alunos do sete de setembro, Marista, Salesiano, São Luiz e principalmente com o Atheneu devido à semelhança com o fardamento dos cobradores de ônibus, bastava um aluno de outra escola chamar um aluno da Escola de cobrador que era briga certa. Com a mudança do nome de Escola Industrial de Natal para Escola Industrial Federal do Rio Grande do Norte, muda também as cores do fardamento da Escola. Por ocasião os jogos estudantis do Rio Grande do Norte, promovido pela Secretaria Estadual de Educação, a Escola sagra-se Campeã Geral dos jogos de 1968 se concretizando no coroamento do trabalho profícuo do professor Sebastião Cunha vulgo “Tião” e dos professores Francisco Martins, José Maria Pinto, Luiz Carlos Teixeira, Jorge Moura, Ferdinando Teixeira, Marco Antonio e Augusto Serrano com o apoio do diretor Pedro Martins de Lima que declina da direção da escola para assumir a direção da Escola Técnica Federal da Bahia, assumindo a direção da Escola o professor João Faustino Ferreira Neto, continuando na Presidência do Conselho de Representante, da Escola o Sr. Luiz Carlos Abbott Galvão. Tendo a Escola sagrado-se Campeã Geral dos jogos Estudantis de 1968, os professores de Educação Física se reúnem no bar o kasarão para “bebemorarem” o título. O CONSUMO DE CERVEJA ALIADO AO TIRA-GOSTO FORAM TANTOS, QUE OS GARÇÕES MAIS DO QUE SATISFEITOS OFERECEM MAIS UMA CERVEJA PARA CADA UM POR CONTA DA CASA, TIPO PRORROGAÇÃO DA BEBEMORAÇÃO.

A COR

Em 1965 a Escola ainda funcionava no prédio da Av. Rio Branco, era um período de mudança e conturbação devido a Revolução de 64. Por determinação do Governo Federal foi criada uma Comissão para apurar questões políticas dentre outras. O professor Isaias Maurício se preparava para ministrar sua aula de matemática, para tanto se dirige para seu armário para pegar seu material, quando inesperadamente chega a professora Lourdes Guilherme que no momento assumira a Direção da escola tendo em vista a ausência do Diretor professor Irineu Martins de Lima. A professora se aproximando de Isaias diz: Isaias

posso falar com você? - Estou as suas ordens professora.
_ Isaias, ouvi dizer que você tem ideias vermelhas, isso é verdade? Isaias com toda sua sutileza responde: CARÍSSIMA PROFESSORA, AO QUE ME CONTE A IDEIA NÃO TEM COR, A IDEIA É INCORPÓREA, CONSEQUENTEMENTE A COR SÓ PODE EXISTIR NOS OBJETOS MATERIAIS, AGORA SE À SENHORA ANDA PINTANDO AS IDEIAS DAS PESSOAS, A MINHA A SENHORA PINTE NA COR DE ROSA QUE É TÃO BERRANTE QUANTO A COR VERMELHA. A PROFESSORA PEDE LICENÇA E SAI MAIS DEPRESSA DO QUE CHEGOU.

A AFINAÇÃO

Decorria o ano de 1951 quando a professora Lourdes Guilherme fazia um ensaio de Canto orfeônico com uma turma do 2º ano. A professora fazia a entonação de voz imitando um diapasão fazendo MIIIII, quando Jaime se volta para trás, a professora em plena afinação: MIIIIIIJAIME. FOI RISO PRA NÃO ACABAR MAIS.

O NOVO PROFESSOR

Ainda no prédio da Escola Industrial de Natal, devido a crescente procura dos estudantes em ali estudar, fez-se necessário a contratação de mais um professor de Matemática, uma vez que a Escola contava apenas com os professores Estélio Fonseca e Rivaldo Pinheiro. É contratado o jovem, porém, competente professor de matemática Roberto Limarujo para ministrar aula na 4ª série. Acontece que o professor Joaquim Inocêncio da Alfaiataria era conhecido como profundo conhecedor no domínio desta disciplina, era um autodidata, um verdadeiro mestre, ao ponto de saber de ponta a ponta toda a coleção FTD. Dizem que aluno é a imagem do cão devido a sua peraltice. Os alunos começam a elogiar o professor Inocêncio (chamado de mestre brinco), comentando que o mesmo era o melhor professor de matemática da Escola e do Estado, ao ponto de despertar a curiosidade do professor Limarujo em conhecer Mestre Brinco. Os alunos, então, dizem ao Mestre Brinco que o novo professor de matemática queria conhecê-lo, no dia seguinte um grupo de alunos juntamente com o professor Limarujo vão até a Alfaiataria, é feita as apresentações e tem início um “papo” matemático, durante a conversa Mestre Brinco faz algumas proposições de matemática, se o novo professor sabia ou não, não vinha ao caso, pois a conversa não tinha o propósito de provar nada, apenas para que os dois matemáticos se conheçam. Após a conversa Mestre Brinco sai com essa pérola: MEU FILHO, JÁ PASSEI PELA SITUAÇÃO DE SER UM JOVEM PROFESSOR, APESAR DE VOCÊ SER MUITO BOM, MAS ACONSELHO VOCÊ ESTUDAR MAIS UM POUCO.

O FINO DA BOSSA

O professor de Alfaiataria Natanael Gomes da Silva acabava de terminar sua licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o que oportunizou seu remanejamento para professor dessa disciplina, isso ainda na Escola da Rio Branco. Natanael foi certamente o professor mais magro que passou pela escola, para tanto andava impecavelmente trajando um terno, e raras vezes de camisa de manga comprida, Natanael era um verdadeiro cavalheiro, bem arrumado, cabelos impecavelmente penteados, tratava a todos com refinada educação, lembrando em muito o professor Alvarado Furtado de Mendonça. Certa feita, num dos papos que rolava no intervalo, de longe avistam Natanael, quando alguém disse: como aquele professor é magrinho, no que outro completa: ALÉM DE MAGRINHO É O FINO DA BOSSA.

O PONTO

Estava para ser encerrada a etapa em que os professores tinham que entregar o resultado das avaliações para o Departamento de Ensino. Numa turma em que o professor Isaias lecionava matemática tinha uma aluna que apresentava certa dificuldade na sua aprendizagem, por mais que Isaias se esforçasse para a assimilação da disciplina por parte dessa aluna, parecia seus esforços serem em vão. Ao terminar a leitura das notas a aluna se levanta dizendo: professor Isaias o senhor pode me dar um ponto? Isaias calmamente responde: JOVEM EU SIMPLEMENTE NÃO POSSO LHE DAR UM PONTO, POIS PODE INFLAMAR OU INFECCIONAR, É MELHOR A JOVEM IR ATÉ O CONSULTÓRIO MÉDICO, FALE COM O DR. MURILO QUE COM CERTEZA PODE LHE DAR ESSE PONTO COM SEGURANÇA. O RISO NA SALA FOI GERAL.

O AJUDANTE DE INSPETOR

Gilvandro Rodrigues da Silva cursava a 4ª série na antiga Escola Industrial de Natal, concomitantemente Gilvandro era jogador profissional pelo América Futebol Clube, dizem os entendidos que foi o melhor ponta esquerda que já atuou pelo América. Na época exercia a função de porteiro da Escola José Hipólito e Miguel Honório, devido a Escola contar com apenas um Inspetor de aluno, Miguel ajudava Plácido Joventino nessa função. Miguel Honório tinha um apelido que o deixava irritadíssimo. Gilvandro certa feita faz uma traquinagem e Miguel chama-o para uma conversa. Miguel, que não torcia pelo América foi logo aloprando; rapaz você aqui não manda em nada como você faz no seu time, Gilvandro escuta tudo calado e ao final diz: TÁ CERTO OLHO DE SEBO, E SAI CORRENDO.

O BRAÇO DIREITO

Por ocasião da Revolução de 64, assim na Escola como em todo o estado havia um clima de inquietude devido as constantes denúncias feitas no anonimato, tanto na Escola como em todo o Estado. Professor Fernando Cisneiro era membro da Comissão que apurava na Escola as questões ligadas a política. Numa conversa entre o professor Fernando Cisneiro e o professor Ruy Xavier da disciplina de Inglês, professor Cisneiro disse para Ruy: estou sabendo que o senhor tem um cunhado que é o braço direito do governador Miguel Arraes em Pernambuco. Professor Ruy com aquela paciência de Jó responde: PROFESSOR CISNEIRO O RUIM ERA SE ELE FOSSE O BRAÇO ESQUERDO.

A COMISSÃO

Em 1968, já no atual prédio do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia, chega a Escola uma Comissão de alto nível designada pelo Ministério da Educação para fazer uma Inspeção na Escola, principalmente, no que concerne aos laboratórios. Essa Comissão presidida pelo professor Taturu Emaguchi, ao percorrer as dependências da Escola, chegam ao laboratório de Física que era coordenado pelo professor Wellington Rubens. O professor Wellington, na oportunidade, fala das instalações e principalmente dos novos equipamentos, dentre eles um equipamento destinado a carregar bateria. A Comissão ouvia atentamente o relato do professor num clima um tanto quanto solene, quando o professor Taturu querendo minimizar a situação pede licença ao professor dizendo que conhecia um método bastante antigo, mas tão eficaz quanto ao que hora era apresentado. Alguém da comissão indagando qual era esse método, o professor Taturu simplesmente disse: BASTA FORRAR O OMBRO COM UM PAPEL, PAPELÃO OU COM UM PANO, COLOQUE A BATERIA NO OMBRO E CARREGUE. DEVIDO AO RISO O PROFESSOR WELLINGTON DEMOROU A REINICIAR SUA EXPOSIÇÃO.

DOIDO PRÁ CONTAR UM

No ano de 1977, por determinação do MEC, a disciplina de Educação Física passou obrigatoriamente a fazer uma prova denominada de “avaliação de desempenho”. A avaliação consistia da realização de exercícios físicos pelos alunos, e ao final era atribuída uma nota em função da performance de cada avaliado. O professor Ferdinando Teixeira, com uma notória preferência por exercícios mais rigorosos, não se contentava com o tradicional “apóio de frente para o solo”. Sua preferência era sempre a “barra”, verdadeiro castigo para os alunos menos preparados. Prancheta em punho, semblante fechado, começava uma verdadeira caça aos mais “pregado”. Era preciso fazer os exercícios corretamente, subindo e descendo de conformidade com a técnica pelo menos dez vezes. Quando Ferdinando disse: George Câmara é a sua vez, comecei a suar frio, como não tinha como fugir fui para o sacrifício, isto é, para a barra, iniciei contando um, dois etc. Quando estava no oito já com a língua de fora, FERDINANDO GRITA; TÔ DOIDO PRÁ CONTAR UM. NEM PRECISA DIZER QUAL FOI O RESULTADO E O APELIDO QUE GANHEI.

Os causos a seguir foram descritos no livro CAUSOS POR ACAUSO do mesmo autor.

PAR OU ÍMPAR

Professor José Maria Pinto convida seus colegas de Educação Física para um churrasco na sua residência. Comida farta, boa música, cerveja bem gelada, tudo corria nos trinques até que um dos convidados deixa cair uma taça, a esposa de José Maria testemunhando o acidente exclama: coitado do meu conjunto de taças, agora ficou ímpar. JOSÉ MARIA COM SUA VOZ DE TENOR, VENDENDO A CENA, NÃO SE CONTENDO, PEGA UMA TAÇA E JOGA NO CHÃO QUE SE ESPATIFA. PRONTO NÃO PRECISA MAIS RECLAMAR, FICOU PAR NOVAMENTE.

A AJUDA

O curso de Mecânica assim como os outros era subdividido por área, como por exemplo: ajustagem, tornearia, fresa etc. O professor Rui Falcão quase sempre ensinava a área de tornearia, enquanto o professor Bernardino ensinava ajustagem. Bernardino querendo aprontar uma com seu colega, numa sexta-feira por volta da meia noite telefona para Rui se fazendo passar por um aluno e diz: professor Rui, estou telefonando da Bahia onde estou concluindo meu estágio de Mecânica, como tenho que entregar meu relatório na segunda-feira estou com uma dúvida que só o senhor pode tirar. Rui meio sonolento, pergunta qual era a dúvida. Bernardino – PROFESSOR, PINICO DE BARRO ENFERRUJA? RUI SÓ MUITO TEMPO DEPOIS É QUE FICOU SABENDO QUEM FOI O AUTOR DO TROTE.

A PERGUNTA

O professor Pedro Martins de Lima ensinava ajustagem no curso de Mecânica da ETEFRN. Gostava de incentivar o raciocínio de seus alunos através de perguntas. Certa feita, disse que ia fazer uma pergunta e quem respondesse ganharia um ingresso para o cinema REX. A turma redobra a atenção, e o professor pergunta o seguinte: num túnel com vinte metros de comprimento, gasto quatro minutos para atravessá-lo, quanto tempo levo para chegar ao meio do túnel? O silêncio foi geral, era um coçar de cabeça e ninguém se aventurava a responder. Professor Pedro disse que era fácil, bastava raciocínio e atenção e explica: GASTO APENAS DOIS MINUTOS, UMA VEZ QUE DO INÍCIO ATÉ O MEIO ELE ESTAVA ENTRANDO, E DO MEIO ATÉ O FIM ELE ESTAVA SAINDO.

È SÓ NÃO CHAMAR

Ainda no tempo em que a Escola Industrial de Natal funcionava na Av. Rio Branco, na turma do curso de Mecânica de Máquinas tinha um aluno de nome Marcondes Pinheiro que vivia pintando e bordando principalmente com os alunos dos cursos de Alfaiataria, Artes do Couro e Marcenaria. Marcondes quase toda semana era chamado ao gabinete do diretor, Professor Pedro Pinheiro de Souza, por motivo de indisciplina. De tanto Marcondes aprontar e ser chamado pela Direção, mais uma vez professor Pedro após aconselhar Marcondes disse: MEU FILHO O QUE EU FAÇO PARA VOCÊ NÃO SER MAIS CHAMADO À DIREÇÃO? - É SÓ NÃO ME CHAMAR.

O JIPE

O professor Antonio Fernandes de Carvalho possuía um jipe que ele cuidava com muito esmero. O professor Paulo Nobre Barreto tentava comprar o jipe a todo custo, até que um dia realiza seu sonho. Comprado o jipe, o professor Paulo vai estacionar o mesmo perto dos galpões próximo da caixa-d'água, em frente ao galpão onde funcionava a Marcenaria de manutenção. Os professores Antonio Fernandes, Vicente de Paula Souza, Francisco Bernardino de Souza e o Dr. Murilo (médico da Escola) empurraram o jipe para dentro do galpão onde funcionavam as aulas de Educação Física, apagaram o rastro do jipe e escondidos esperam a volta do professor Paulo. Professor Paulo procura pelo seu jipe e não o encontra. Sai perguntando se alguém viu o mesmo e nada. Chega Dr. Murilo e vendo o desespero do professor Paulo, pergunta se o mesmo não estacionou na parte de baixo na entrada principal da Escola. Paulo Nobre vai até o estacionamento e nada de encontrar seu jipe. Chega Bernardino, Antonio e Vicente e o professor Paulo conta o ocorrido e diz que vai falar com o professor João Faustino, na época Diretor da EFRN nas novas instalações de Morro Branco. Bernardino telefona para o professor João Faustino e conta da brincadeira feita pelos mesmos. Chegando à diretoria professor Paulo Nobre pede ajuda da direção para tentar localizar seu jipe. João Faustino que já vive rindo à toa tenta acalmar o professor Paulo Nobre e pergunta se não foi brincadeira de algum colega. Paulo Nobre, mais calmo, pensa só se foi Antonio Fernandes ou Bernardino, enquanto isso, Bernardino, Vicente e o Dr. Murilo empurram o jipe de volta para a frente da Marcenaria e ficam esperando Paulo Nobre chegar. NÃO É NECESSÁRIO DIZER OS "ELOGIOS" QUE O PROFESSOR PAULO NOBRE DIRIGIU A SEUS

COLEGAS.

EM CIMA DO MURO

Uma das eleições para diretor do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) concorria ao cargo os professores Ednaldo Paiva e Sérgio França. No corredor alguns professores comentavam sobre o pleito. Num dado momento chega o professor Sérgio França e coloca um botton na roupa do professor Luiz Carlos Trindade, ao tentar colocar um botton na roupa do professor Natércio Dias de Holanda o mesmo pipocou na hora, não vou aceitar, porque ainda há pouco, o professor Ednaldo pediu para colocar seu botton na minha roupa e eu não aceitei, por uma questão de coerência, não posso colocar o seu. Professor Antonio Fernandes colocando a mão no ombro de Natércio disse: professor não fique em cima do muro. Natércio inconformado respondeu: jamais fiquei ou ficarei em cima do muro, sou um ex-sindicalista, tenho minhas convicções, não é agora que vou ficar em cima do muro. O professor Luiz Carlos dirigindo-se a Natércio – MEU CARO PROFESSOR, NESTA ESCOLA APENAS DUAS PESSOAS NÃO PODEM FICAR EM CIMA DO MURO, EU COM OS MEUS QUASE CENTO E CINQUENTA QUILOS, DERRUBO O MURO, E O NOBRE COLEGA QUE É QUASE PRETO, ATÉ QUE A POLÍCIA VENHA SABER QUE O COLEGA É PROFESSOR DO CEFET, O COLEGA JÁ ESTARÁ PRESO HÁ MUITO TEMPO.

O AUXILIAR DE CANTOR

A escola Industrial de Natal propiciava aos seus alunos diversas atividades extracurriculares, dentre elas um Regional que se apresentava nas datas comemorativas, nas horas cívicas, nas comemorações da Escola Profissional Feminina (hoje Ginásio Irmã Vitória) dentre outros. O regional chega ao auge de sua formação, ao ser convidado pela diretoria do América Futebol Clube para se apresentar na sua sede social. O regional era composto até 1960 por Romildo (cantor), Ubirajara Barreto e Nonato (violão), Gutemberg (cavaquinho), Manoel Tomaz (acordeão), Janilson Dias (tantan) e Joilton (maracá e afuchê). Certa feita, o Regional foi convidado para mais uma apresentação, e ao saírem para o ônibus, Marcondes Pinheiro se junta ao grupo e ao passarem pela portaria, seu Hipólito (porteiro) pergunta se Marcondes fazia parte do Regional, Marcondes disse que sim, seu Hipólito pergunta você canta ou toca algum instrumento, o que você faz? Marcondes respondeu: sou auxiliar do cantor, QUANDO ROMILDO ESTÁ CANTANDO UM MAMBO, O CANTOR NÃO DÁ UM GRITO – “MAMBO VAMOS DANÇAR O MAMBO “Ú”, POIS É, PARA ELE GRITAR FICO POR TRÁS DELE E PUXO SEUS OVOS. FOI MAIS UMA DAS INÚMERAS SUSPENSÕES DE MARCONDES.

A CADELA VEGETARIANA

Aos sábados os servidores do CEFET, professores e administrativos gostam de bater uma pelada, certa feita, o professor Paulo Leiros veio para o treino trazendo uma cadela, o professor Antonio Fernandes pergunta se é para reforçar o time. – Não, ela vem só assistir responde o professor Paulo Leiros, deixando-a próximo ao vestuário. No intervalo do primeiro para o segundo tempo, o professor Antonio Fernandes admirando o pelo da cadela, comenta com Paulo Leiros; essa cadela para ter um pelo tão bonito deve comer uma ração bem balanceada, - Paulo Leiros, pois é meu amigo, gasto os tubos com a alimentação especial dela. Ainda no intervalo, Antonio Fernandes chupa umas laranjas e coloca as cascas e o bagaço próximos da cadela. Iniciado o segundo tempo, Antonio deixa para apanhar os restos das laranjas após o jogo. Ao voltar para o vestuário, Antonio vê a cadela acabando de comer os restos da laranja. – Paulo é esta a comida especial que você dá para sua cadela? PAULO MEIO SEM GRAÇA RESPONDE; É QUE ELA É VEGETARIANA.

O GALO

Certa feita o professor Isaias Maurício de Carvalho, numa de suas aulas de matemática desenvolvia uma equação no quadro de giz quando escuta um solene COCOROCOCÓ vindo da turma.

Na sua calma que lhe é peculiar, Isaias vira-se para a turma e diz: escutei um frango cantar, só não pode um galo, pois o único galo aqui sou eu. A turma começa a rir menos um aluno que pergunta: o senhor esta nos chamando de frango? Isaias que já conhecia as traquinagens do aluno respondeu: MEU FILHO VOCÊ ESTÁ SUSPENSO POR TRÊS DIAS, VEJA SE NESSE TEMPO VOCÊ APRENDE A CANTAR DE GALO.

CANTAR E DANÇAR

No tempo da Escola Industrial de Natal, os professores de Cultura Técnica (oficina) eram chamados de mestre. O mestre Jorge da oficina de Artes do Couro era meio curto e grosso e sem papas na língua. Certa feita, mestre Jorge em plena aula pega seu violão, coloca os pés sobre uma cadeira e começa a tocar e cantarolar uma valsa. Professor Pedro Pinheiro, (diretor da EIN) do alpendre do 1º andar vendo a cena, vai de mansinho até a oficina e chamando Mestre Jorge indaga: Mestre Jorge, o senhor em pleno horário de aula, fica tocando e cantando, será que é isso mesmo que o senhor está ensinando a seus alunos? A resposta veio no ato: E A DANÇAR TAMBÉM.



Obras do autor

Competências do professor de desenho técnico: um estudo nas escolas profissionalizantes de 2º grau. PREAU/UFRN, Natal, 1982;

Um pouco de nós todos. C.D.R. ETRN, Natal, 1982;

Desenho técnico: uma abordagem metodológica. Gráfica Santa Maria, Natal, 1991;

De pé no chão também se aprende uma profissão. S.C.S. ETRN, Natal, 1993;

Causos da Redinha. S.C.S CEFET, 2004;

Na dimensão da poesia. Servgráfica, Natal, 2005.

Poesia em flor. Editora Livro Livre, Natal, 2006;

Verso e anverso. Editora Livro Livre, Natal, 2007;

Poemas para ler, pensar e sonhar. Editora Livro Livre, Natal, 2007;

Reflexão. Editora Livro Livre, Natal, 2008;

Êxtase. Editora Copyline Copiadora, Natal, 2009;

Enigma. Editora Copyline Copiadora, Natal, 2010;

Causos por acaso. Editora Copyline Copiadora, Natal, 2010;

Poemas em oração. Editora Copyline Copiadora, Natal, 2011;

Cotando causos. Editora do IFRN, Natal, 2012.





Janilson Dias de Oliveira nasceu em 04 de dezembro de 1942, em Ceará Mirim/RN. Filho de Pedro Vilela de Oliveira e Janice Dias de Oliveira.

Atualmente pertence às seguintes instituições culturais:

- Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do Rio Grande do Norte;
- Associação Internacional Poetas del Mundo / C6onsul Poetas del Mundo – Zona Norte – Natal/RN;
- Academia Virtual Brasileira de Letras;
- Academia Cearamirinense de Letras e Artes;
- Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Norte;
- União Brasileira de Escritores/RN;
- Loj.: Maç.: Bartolomeu Fagundes – Or.: de Natal/RN;

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte iniciou em 1985 suas atividades editoriais com a publicação da Revista da ETRN, que a partir de 1999 se transformou na Revista Holos, em formato impresso e, posteriormente, eletrônico. Em 2004, foi criada a Diretoria de Pesquisa que fundou, em 2005, a editora do IFRN. A publicação dos primeiros livros da Instituição foi resultado de pesquisas dos professores para auxiliar os estudantes nas diversas disciplinas e cursos.

Buscando consolidar uma política editorial cuja qualidade é prioridade, a Editora do IFRN, na sua função de difusora do conhecimento já contabiliza várias publicações em diversas áreas temáticas.

